



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL DE05582008GRC



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913

10 de Maio de 2008 • Ano LXV • N.º 1674
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D.G.C.S. 100398 • Depósito Legal 1239



Menos técnica e mais amor

O António é o menino mais pequenino que temos. Os seus seis anitos escondem-se por trás de uma tez amorenada, cheios de vivacidade e beleza, denunciando a sua origem. Veio do Hemisfério Sul. É natural de Moçambique. O seu irmão mais velho, também ele moçambicano, agradeceu pela criação que recebeu na Casa do Gaiato, trouxe-o consigo, no Verão passado, de forma legal constituindo-se seu tutor.

A sua vinda foi uma enorme alegria para todos. O menino «não põe o pé no chão...» tão rodeado que é de atenções e cuidados. Há muito tempo que outras modalidades de acolhimento institucional, quase todas de carácter provisório, como assim o instituiu a filosofia da Tutela – tendo em vista o regresso ao seio familiar – nos relegaram para segundo plano no campo das soluções a encontrar para menores em risco. Compreende-se, pois, a enorme satisfação que sentimos com a vinda desta criança... Nós sempre fomos uma solução para o acolhimento de longa duração, quando se não vislumbra outra solução para a Criança no horizonte imediato do acolhimento. Sobemos quão dolorosa é a experiência de uma criança que transita de colo para colo ou de instituição para instituição. Daqui se compreenda o que sempre acentuámos: a nossa matriz familiar, seguindo, aliás, uma das máximas de Pai Américo: «Todo o regresso a Nazaré é progresso social cristão».

De facto, diante de alguns pedidos, poucos, ficamos perplexos e impotentes... Em geral são-nos apresentados adolescentes, já de personalidade estruturada. Muitos deles acompanhados, há longo data, por equipas multidisciplinares tanto no meio escolar como familiar: psicólogo, pedopsiquiatra, assistente social e tutor. O futuro dum criança merece toda a atenção e investimento. Mas, neste e noutros casos, ficamos com a impressão de que anda gente demais à volta de uma criança e do seu

problema... Claro que não pomos em causa a intervenção acertada e atempada das ciências humanas na resolução dos seus problemas. Dói-nos, sim, o arrastamento dos casos que não sendo resolvidos, em tempo útil, precioso e irreversível na vida de uma criança, comprometem e tornam ineficaz e extemporânea qualquer intervenção ulterior.

Há tempos, fomos por um adolescente a uma escola do Grande Porto. Fomos bem recebidos no Conselho Executivo e acertámos, aí, a estratégia de abordar o jovem. O rapaz foi-nos apresentado para

Continua na página 4

MOÇAMBIQUE

O que avulta não vem de nós

NA hora de escrever, não sei que dá na gente. Mistura-se misteriosamente o que está dentro, com o que está fora de nós. As duas pobrezas atropelam-se e parece que só transpira amargura.

A Obra da Rua, aqui, cresceu desmesuradamente e na medida em que é preciso manter em equilíbrio o barco e a tripulação apressada para o trabalho, há falhas que exigem voz de comando a todo o momento. Tudo tem de estar hierarquizado para prever e prevenir qualquer desvio. Formação e coordenação são imprescindíveis. Os problemas são por vezes muitos em cada um e se não houver coordenação exigente passamos a ser um mundo de problemas e as cabeças dos responsáveis não resfriam nem de noite.

A Mãe desta grande família de Casa e de fora anda doente há anos. Tem sido ocasião de uma maior devoção dos nossos Rapazes a Pai Américo, pedindo a sua cura. Temos procurado ansiosamente o que humanamente parece utópico. Esteve em Portugal quinze dias com os melhores Médicos, mas logo na primeira semana queria regressar porque tinha exame na Universidade Pedagógica. A razão prevaleceu e regressou mais tarde, sem saber ainda os últimos resultados que serão comunicados.

Mas aparentemente chegou remoçada. Com tal disposição e alegria, não sei se por voltar a Casa, se mais tranquila pelo extremo acolhimento que teve nos vários Hospitais e Clínicas onde foi recebida. Foram dias cheios, em que só num Domingo e outro dia de semana pôde descansar da fadiga das pesquisas e tratamentos. Graças a Deus que nos alimenta esta esperança que só Ele nos dá para a entrega total a que nos chama cada dia.

Continua na página 3

SETÚBAL

As crianças perderam a vida familiar

VÃO-SE multiplicando as situações de mulheres-mães, únicas responsáveis pelos filhos que geraram, que com eles se vêem aflitas quando entram na adolescência. É a idade em que começam a escapar-lhes e, muitas vezes, a revoltarem-se agressivamente, pondo-as em situação complicada.

Como todo o ser humano, têm de procurar os meios de sobrevivência. O progenitor dos filhos desligou-se de compromissos. Ficou ela só, com eles.

Enquanto são pequenos, a vida vai-se levando. Os problemas começam depois a surgir, normalmente, quando entram no 2.º ciclo escolar. O mundo abre-se-lhes e, sem saberem controlar-se nem tendo quem os acompanhe, ficam com campo aberto para todas as experiências. Num ambiente permissivo e libertino, como é o mais comum, depressa lhe sofrem as influências e dele ficam reféns.

Fiquei de ir conhecer nestes próximos dias um rapaz nesta situação. A mãe entregue a si mesma há alguns anos, tem a responsabilidade de um filho pela mão e outro que já escolhe os caminhos por onde anda. Deste inocente, vem o descontrolo e a insegurança do pequeno agredido familiar.

Quando chegam a nossa Casa, as coisas mudam em quase tudo. Só na escola as coisas se tornam mais difíceis, e exigem redobrados esforços e cuidados. A pouco e pouco vão deixando alguns maus hábitos que traziam. Mas não é fácil. O ambiente nas escolas é difícil. Eles estão muito tempo na escola. Demasiado tempo. Fala-se que no próximo ano lectivo o tempo de permanência na escola ainda será maior!

As crianças hoje perderam a vida familiar. Perderam o tempo livre, o verdadeiramente livre. Desde pequeninas vivem fechadas entre quatro paredes. Cada vez mais entre quatro paredes. Vai a vida reduzir-se à escola?

Ouvi senhora com responsabilidade dizer que a escola deve ser a tempo inteiro. Tal como o adulto está a tempo inteiro no trabalho assim a criança na escola.

Tenho pena das nossas crianças. Tudo o que é espontaneidade, liberdade, pular e saltar os montes, fica restrito para os que escapem a esta avalanche do progresso pelo conhecimento. Não importa que a criança fique reduzida na sua humanidade?

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

PARTILHA — São duas cartas, apenas: Assinante 57002, de Senhora da Hora: «Junto um cheque de 200 euros, meu pequeno contributo para distribuírem como melhor entenderem, pois qualquer que seja a aplicação, sei que será sempre para minorar o sofrimento de um nosso irmão mais necessitado. O Senhor vos dê sempre a Força e a Coragem de que necessitam.»

Lourdes, de Cacém.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

VISITANTES — Desde o ensino secundário ao superior, a nossa Casa tem sido procurada por alunos para a elaboração de trabalhos académicos sobre o Projecto Educativo da Obra da Rua. A 26 de Março, veio uma religiosa para fazer um trabalho do curso de Animadora Social. A 18 de Abril, vieram dois alunos do 12.º ano da Escola Secundária Avelar Brotero, Coimbra, para realizar um trabalho; e até almoçaram no nosso refeitório.

Nesse dia, recebemos, também, de tarde, cerca de 50 alunos do 8.º ano do Colégio S. Mamede, Batalha, que trouxeram vários litros de leite, bem necessário na nossa alimentação e que muito agradecemos.

Entretanto, a 19 de Abril, Sábado, tivemos a visita simpática de alguns crismandos da Paróquia de Santo António dos Olivais, Coimbra, com Catequistas e o Frei Tibério. Almoçaram connosco, apresentaram uma pequena peça sobre o Bem e o mal e, depois, jogaram futebol, porque tivemos treino. Ficámos gratos com os bens que trouxeram, da campanha que fizeram.

BENS ALIMENTARES — Às vezes, oferecem-nos géneros alimentares, o que é bom para prepararmos as refeições e diminuir as despesas. A 21 de Abril, fomos recolher bens da campanha do 8.º A, da Escola Senhor da Serra — Ferrer Correia; e, no dia seguinte, aproveitámos alguns alimentos de um restaurante de um centro comercial.

CALDEIRA — Somos nós que lavamos a louça, à mão, no fim das refeições. Com água quente, a gordura sai melhor. A caldeira da copa estava sem conserto. Teve que se comprar uma caldeira nova para a substituir; o que ficou caro, até na montagem.

ANIMAIS — Temos um cão de cor negra, que fica junto aos anexos da

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Março, 51.150 exemplares

lenha e é meigo, mas ladra quando presente estranhos. Uma ninhada de 4 gatinhos é, agora, a nossa maior atracção. A gata dá-lhes de mamar, mas um deles já quer comer os restos. São precisos para apanhar ratos...; mas, fogem, quando o cão se solta.

DESPORTO — A 26 Abril, sábado, foi dia do jogo de futebol com a Equipa de Paço de Sousa, no Torneio Inter-Casas. Vieram muitas pessoas almoçar. Estava muito calor e a nossa fonte era o local mais desejado. Recebemos uma boa assistência, especialmente de Antigos Gaiatos e Amigos, ligados à nossa Casa. O desafio teve início depois das 15h30, pois tivemos que substituir, à última da hora, as nossas habituais camisolas vermelhas, mais frescas, por um equipamento de recurso, já que não temos outro adequado que sirva à nossa Equipa. O desafio foi disputado, nem sempre bem jogado, com muita bola pelo ar. A nossa Equipa acusou a pressão da responsabilidade de ter de ganhar o jogo. Teve um árbitro federado, com bom trabalho. Sofremos uma derrota tangencial (2-3), com dois golos de Reinaldo. O Enfermeiro André, que tem acompanhado o nosso Grupo Desportivo, entrou várias vezes em campo. No Sábado anterior, mediu a tensão arterial aos Rapazes, numa sala da nossa Escola do 1.º Ciclo, preparada para isso. Os Bombeiros Voluntários de Miranda do Corvo e o Dr. Sérgio Seco, Vereador, honraram-nos com a sua presença. Depois, foi servida uma merenda recheada. As Senhoras e Rapazes que estiveram na cozinha e prepararam a sala, trabalharam muito e bem.

Alunos do Alternativo

SETÚBAL

FUTEBOL — Foi há pouco tempo que a nossa formação entrou em campo para mais um desafio de futebol, desta vez frente à equipa da Casa de Miranda do Corvo. Não estive com muita aptidão para comentar este jogo mas, pronto, o que é notícia é para ser dito. Ambas as equipas entraram em campo com bastante firmeza e dignidade. Não havia sorrisos trancados. Não havia preocupações. Apenas estavam ali para jogarem futebol, e claro ganhar. O árbitro, que esteve bastante bem, fez a bola trocar-se entre os pés da formação forasteira e lá começaram eles a espalhar a sua classe infiltrando-se na nossa defesa incerta e sem motivação. Mas lá tínhamos nós uma bela ala esquerda que ainda fazia prometer muito naquele campo tenro e num dia calorento. O sol batia forte quando, pela nossa esquerda, aparece um avançado poderosíssimo da equipa adversária e, com uma perspicácia de bom goleador, colocou, de fora de área, a bola no canto inferior esquerdo da nossa baliza. Reinaldo fez o 1-0. Perdíamos nós e a festa era dos visitantes. Passados cerca de 5 minutos na sequência de uma grande confusão na nossa área, com o nosso guarda-redes a mostrar o seu enorme valor, conseguimos aguentar a pressão à entrada dela mas, quando a bola se infiltrou na pequena área, foi o desalento total. Deco, da equipa adversária, voltou a mexer com o resultado fazendo baloiçar novamente as nossas redes com um remate a encostar de pé esquerdo. Já lá estava o 2-0, quando o árbitro finalizou a primeira parte. Os nossos jogadores iam de cabeça baixa e muito lentos. Ninguém esperava uma

derrota pesada em casa como aquela que havíamos sofrido fora.

Mas, não. Na segunda parte mostramos aos visitantes que não estávamos para desilusões e que afinal não eram favas contadas! Carlos Alberto, a um excelente cruzamento de Nuno, reagiu de forma agradecida e cabeceou para o 2-1 fazendo-nos saltar dos bancos. Em outro pouco tempo, o mesmo nosso jogador voltou a repetir a cena com mais outra habilidade de Nuno que se infiltrou perante três defesas e fez daquilo que mais gostava. Fintar, correr e fuzilar. Mas desta vez deu a marcar. 2-2, marcava o «placard».

Numa altura em que os nossos jogadores procuravam alcançar outro golo, para dar o ar daquela vitória lutada, os de fora voltaram a mostrar que não estavam adormecidos e, de uma só vez, Gerson, bisou e fixou o resultado final, 4-2.

No final do final do jogo, jogadores, árbitros e espectadores, sorriram e apertaram mãos para demonstrarem a amizade que não se escondia debaixo das camisolas que envergavam. Nélon Júnior, nosso defesa-esquerdo muito hábil, foi o melhor em campo a votos de alguns. Depois de toda esta batalha amigável, fomos todos tomar um lanche para ficarmos saciados e com espírito de que para o ano há mais e há que continuar a lutar!

RAPAZES NOVOS — David foi mais um dos pequenos rapazes que recebemos na nossa Casa. David tem onze anos e, pelo que já me disse, adora cá estar e gosta muito de dar aquelas cambalhotas que tanto o faz rir com o seu amigo «Manobras». Também gostamos muito dele. Entretanto, há poucos dias recebemos mais um novo rapaz que dá pelo nome de Assan. Já mantemos relações com ele e até já lhe demos alcunha: «Djaló», porque tem características com o seu ídolo. Gosta também de cá estar e costuma brincar com outros pequenitos no nosso pavilhão dando chutos numa bola. Sempre que olho para ele, vejo-o sempre com uma bolinha a dar toques... É tudo bonito de se ver quando há beleza no que se faz.

HORTA — No feriado nacional, 25 de Abril, o Hélio, «Lotas», Nélon Júnior, António Martins e eu, estivemos reunidos na nossa horta a colher favas que já tinham crescido e produzido alimento. A partir de agora já teremos favas que não nos falem à nossa mesa. Ao mesmo dia, todos nós fomos plantar folhas de tarracuda e tomate para, mais tarde irmos colher para acontecer o mesmo com as favas que, nessa altura já estarão na nossa barrega.

Danilo Rodrigues

PAÇO DE SOUSA

VISITA — No dia 26 de Abril, sábado, recebemos um grupo de catequese de Burgães — Santo Tirso — acompanhado pelo seu Pároco. Celebraram Missa na nossa Capela. Fizemos um inter-câmbio para o almoço, um grupo deles almoçou com os nossos e alguns dos nossos almoçaram com eles. O «Almeidinha», após o almoço, fez uma pequena palestra sobre o nosso quotidiano. Antes da merenda realizámos uma visita guiada à nossa Aldeia e foram guias o Hugo Pina e o Zé Reis.

Gratos pela vossa visita. Voltem sempre!

IDA AO TEATRO — A convite da D. Guida e do senhor Alberto, um grupo dos nossos Rapazes, a D. Adelaide e o «Quim carpinteiro», foram ao Teatro Rivoli ver a peça «Música no Coração» de Filipe Laféria. Que espectáculo! Obrigado.

Zé Reis

DESPORTO — Cada vez admiro mais o Paulo «Mudo»! Por tudo. Pela sua dedicação ao Grupo Desportivo durante toda a época, quer faça sol quer faça chuva; e sobretudo, embora lhe reconheça algumas falhas, por não ficar muito aquém, no seu trabalho como árbitro, daqueles que são normais... e federados.

Ainda agora, fomos a Miranda do Corvo fazer mais um jogo do Inter-Casas, cuja equipa de arbitragem, dizem ser de qualidade.

Mas vejamos a habilidade e o resumo dos golos: primeiro o bandeirinha anulou-nos o que seria o primeiro golo do encontro — limpinho; segundo, acabámos por fazer o 0-1, por intermédio de Abílio; terceiro, Agostinho fez o 0-2; Reinaldo de livre, fez o 1-2; e o mesmo bandeirinha mandou marcar uma grande penalidade inexistente contra nós, que Reinaldo marcou e fixou o placar em 2-2. E esta hein?!

Por fim, como a quem sabe nunca esquece, depois de uma jogada de mestres, com tudo ao primeiro toque, entre Joel-Bolinhas-Serafim, Agostinho faz o tal golo do «gostinho especial»: Campeões a uma jornada do fim...

Estava um calor abrasador. O árbitro, que não esteve mal e que foi convidado para fazer parte da equipa de arbitragem, a 24 de Maio, em Paço de Sousa, no jogo da final, teve que fazer uma curta paragem, para os jogadores beberem um pouco de água, evitando a desidratação. Esteve bem, mostrando assim, que não se tratava de um jogo do «vale tudo», e revelando o seu lado bom. Os resultados dos jogos Inter-Casas, para mim, estão a milhas e milhas de distância, embora muita gente julgue que não, de uma amizade sincera entre todos, procurando fazer com estes convívios, que todos dêem as mãos, para encurtar a possível distância entre quem quer que seja.

Fomos muito bem recebidos em Miranda do Corvo. Aliás, outra coisa não era esperada.

Agora, se Deus quiser, vamos receber os nossos Rapazes da Casa do Gaiato de Setúbal. Procuraremos retribuir a forma acolhedora com que eles o fizeram, aquando da nossa deslocação lá.

Quinze dias depois, esperamos fechar com «chave de ouro», fazendo reunir em nossa Casa, Rapazes de Miranda, Setúbal, Paço de Sousa e Beire. Para fazer a festa de campeão?!, também, mas mais importante do que isso, é mostrar que os Rapazes das Casas do Gaiato são unidos e que não é com estes desencontros simbólicos, dentro da quatro linhas, que eles se separam uns dos outros.

Eu acredito, sinceramente, que o lado bom deste Inter, é o convívio, a união, a amizade que os Rapazes, e não só, fazem todos juntos. No entanto, seria bom que cada um de nós fizesse o seu exame de consciência, verificando se tudo que fez neste período, o fez da melhor maneira ou se faltou um *nadinha* (como diz o nosso querido Padre Telmo) de humildade num ou noutro caso mais pontual.

Estamos a um passo do fim, e é pena,

se nem toda a gente aproveitou estes convívios para fortalecer a sua amizade com quem já a tinha e com quem gostava de a ter. Nunca é tarde!

Classificação:

| | J | V | D | E | G/M | G/S | P |
|----------|---|---|---|---|-----|-----|---|
| P. Sousa | 3 | 2 | 0 | 1 | 7 | 6 | 7 |
| Miranda | 4 | 2 | 2 | 0 | 12 | 7 | 6 |
| Setúbal | 3 | 0 | 2 | 1 | 4 | 10 | 1 |

Alberto («Resende»)

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DE ÁFRICA

ENCONTRO EVOCATIVO DE PAI AMÉRICO — Estivemos presentes no encontro evocativo dos 120 anos do nascimento de Pai Américo realizado em Setúbal. Um programa, profissionalmente, bem realizado e que merece os parabéns dos seus autores.

O nascimento de Pai Américo foi há 120 anos, é um facto!... Mas ele nasce diariamente em todos nós.

Brota quanto entra um novo Rapaz nas Casas do Gaiato e quando um Rapaz se ausenta para a actividade profissional que escolheu ou para formar a sua própria vida familiar. O Rapaz que entrou, vai ver nascer Pai Américo. O que sai, caminha, comprovando que o viu provir, confirmando a sua preparação, perante a sociedade, que atesta o que de bom aprendeu com a sua Doutrina.

Aparece sempre que um doente entra no Calvário para minorar o sofrimento de uma doença. Aqui voltou a ter vida e saboreia a alegria de viver com a ternura e o carinho de Padre Baptista nas horas que mais precisa. O doente tem a liberdade de continuar a trabalhar conforme as suas possibilidades e usufruir do ar puro de Inverno e saborear as sombras das árvores no Verão. Tem os portões abertos para entrar e sair, mas prefere ficar ajudando outros doentes com mais dificuldades, agradecendo à Obra da Rua um final de vida mais feliz e com menos sofrimento. Assim surge Pai Américo nos doentes.

Germina na população que circunda a Casa do Gaiato de Benguela, que procura um trabalho para sobreviver e um transporte de familiares doentes para o hospital. Quando edifica uma casa (cubata) e procura uma cobertura de zinco. Se a fome aperta, vai procurar aqui algo para se alimentar. É o pão dos Pobres de que Pai Américo tanto fala.

Rebenta na Casa do Gaiato de Malanje, onde os seus Padres fazem tudo para colocar profissionalmente os Rapazes. A cidade de Malanje tem dificuldades de absorção de profissionais e Luanda, que dista 400 km, é o destino da maior parte dos Rapazes, onde, no Lar, voltam a rever o nascimento de Pai Américo, mostrando nos cursos profissionais e nas universidades como a doutrina da Obra da Rua conquista uma sociedade em dificuldades.

Surge em Moçambique quando há intempéries ou estiagem e a Casa do Gaiato a todos atende sem questionar quem são ou a sua proveniência. Aqui muitas Entidades, nacionais e estrangeiras, conseguem completar o nascimento de Pai Américo pela energia e vontade de reunir todos quantos fazem parte de uma sociedade necessitada de

PENSAMENTO

O Sacerdote deve ser no mundo ponto de referência, para que todos possam atinar com o Céu, fixando nele o olhar. A palavra de ordem e voz de comando não saem da sua boca, porquanto mais ninguém foi encarregue de tal missão. Assim como o Pai Me enviou, assim te envio.

PAI AMÉRICO

Moçambique

Continuação da página 1

E cada dia é diferente, já porque lidamos com milhares de vidas, umas a crescer, outras a manter, que dependem quase em absoluto não da nossa, mas da que Deus sopra em nós a cada instante. Por isso nos sentimos tão pobres na nossa fraqueza física. O que avulta não vem de nós. E se vem de mais alguém de fora é por força do mesmo sopro.

A Casa do Gaiato de Paço de Sousa ficou a sangrar do custo de duas remessas de coisas que vão chegar. Para a nova oficina, o campo, obras de recuperação e conservação da Aldeia, para os Berçários e as Creches, para vestir, calçar e alimentar os Rapazes, para as Escolas, e para os mais Pobres das Comunidades. Outro contentor já chegou de Madrid com doações para a Saúde e Escolas, da Fundação Moçambique Sur e da Corunha, a terra da nossa Tia Maria José, Coordenadora da Saúde de todo o mundo. Tudo doado com aquele amor que só o sopro de Deus inspira, direccionado aos mais Pobres que estão a crescer para uma vida digna do ser humano.

Não temos medo dos anúncios de uma quebra de alimentos básicos no mundo, embora muito recebamos do Programa Mundial de Alimentação para o dia-a-dia de muitos milhares de pessoas pequenas e grandes, porque sabemos que Deus não liga às estatísticas, mas sim e sempre aos gemidos do Seu Povo que está a aprender a levantar-se com as forças renovadas e a caminhar cheio de esperança, para o seu futuro.

Padre José Maria

aprender a descobrir o caminho da escola, do trabalho e da saúde.

Emana numa sociedade necessitada de uma telha ou de um aumento de mais um aposento na sua casa porque a sua família aumentou e não tem condições monetárias para o conseguir. É no Património dos Pobres que Pai Américo vai nascendo suavemente ajudando o bem-estar dos que mais precisam para que as crianças e idosos passem menos frio, prevenindo doenças futuras.

Germina no Governo de Angola, com o Senhor Ministro da Informação que saiu de uma Casa do Gaiato. Referia um jornalista angolano quando o Senhor Ministro visitou Wako Kungo (ex Cela) para inaugurar uma «antena» de televisão! ... «... O Senhor Ministro, que iniciou os seus estudos na Casa do Gaiato de Malanje, quando se desloca a uma cidade, visita aldeias vizinhas, sem protecção, para dialogar com o Povo e esquece o protocolo». Aqui há, de certeza, um dedo da doutrina de Pai Américo. O povo é sempre considerado o desprezado e necessita da presença de alguém mais forte para dialogar.

Pai Américo nasceu, nasce e vai continuar a nascer sempre que hajam pobres, doentes e crianças abandonadas.

O «ESGOTO» DA JUSTIÇA — O Falcão foi um herói!... Pegou nos «colarinhos» do «Catete», durante um ano, não o abandonou no momento que as águas sujas e imundas planeavam transportá-lo para a escuridão da vida. Com o apoio da esposa e filhos evitou o pior!... Um gesto de fraternidade que não pode ficar esquecido.

Mas a justiça dos homens não dá canas de pesca e o «Catete» ficou numa «lixreira» sem direito a reciclagem profissional ou social!... Mais um marginal... já há tantos! Mais um não faz diferença!...

A Obra da Rua adora reciclar o «lixo» desta sociedade!... Padre Carlos e Padre Júlio ofereceram a cana de pesca!...

Padre Telmo vai voltar a ensiná-lo a pescar!... Que seja o peixe de água doce da lagoa e da pequena barragem da Casa do Gaiato de Malanje.

Mais uma vez, nasceu Pai Américo.

O NOSSO ENCONTRO — Quem visita Padre Júlio, eu faço-o sempre que posso e passo por perto, sente-se como se estivesse na sua própria Casa. Oferece sempre a delícia de uma refeição, quase sempre de bom peixe, confeccionada pelos Rapazes e servido melhor que nos bons restaurantes.

Nos nossos encontros, quando realizados na Arrábida, temos de ter os telemóveis ligados, de quando em quando recebemos uma telefonada para saber se carecemos de alguma coisa. Normalmente necessitamos de pão e Padre Júlio faz questão de o oferecer.

O nosso convívio volta a Setúbal. Assim ficou decidido pelos organizadores, Tomás e Manuel «Barrigas». É nos dias 6 e 7 de Setembro.

Temos companheiros de Moçambique e Benguela, que residem na zona de Lisboa e na margem Sul que nunca ocorreram aos nossos encontros para nos abraçarmos.

Não precisam ficar os dois dias, basta aparecerem para nos abraçarmos, dar um mergulho na bela praia do Portinho da Arrábida com os filhos e voltarem a casa.

Os Antigos Gaiatos da Comunidade de Setúbal estão, como sempre, convidados para nos abraçarmos e aumentar a nossa fraternidade!... Gostamos da vossa presença.

Esta crónica vai mais cedo porque quero ficar livre de preocupações para receber mais um bisneto da Obra da Rua.

A organização vai, por carta, reavivar as nossas memórias, lá mais para diante para que a nossa confraternização seja também o nascimento de Pai Américo.

Manuel Fernandes

Património dos Pobres

NA aldeia encontrei aquela mulher a pedir e impressionou-me o seu aspecto!

— Que faz aí? — perguntei de longe.

A resposta foi pronta: — *Peço dez euros para comprar remédios pró o meu filho.*

Estava longe, à distância de uns trinta metros, e chamei-a. A mulher aproximou-se e foi mais fácil ver os seus olhos dormentes, encovados em negras e largas olheiras, as rugas da face aprofundadas pela sujidade e apreciar o cheiro que exalava do seu corpo e vestuário.

— Onde é que você vive? Posso ir a sua casa? — perguntei carinhoso e ansiosamente.

Dei-lhe logo os dez euros, também para facilitar a sua abertura! Convidei-a, de seguida, a ir comigo no carro mostrar-me onde morava. Pelo odor que a inundava, pressenti uma profunda miséria!

Eram, aproximadamente, onze horas de uma manhã fria e sem sol. Ninguém se apercebeu da minha intenção. Nunca pensei encontrar, naquela aldeia, um antro tão pestilento!...

A casa é de telha vã e de duas águas. As divisões chegam somente à altura onde devia ter sido colocada uma placa. Assim, é demasiado quente no Verão e muito fria no Inverno, além de não ter nenhuma privacidade sonora.

Uma cozinha com borralho e chaminé muito mal calculada e sem saída de fumos, enche o ambiente de ferrugem, dando às paredes uma cor negra e um cheiro que se mistura com outros bem repelentes.

Não tem água, nem luz, nem casa-de-banho embora as condutas passem à porta.

Como é possível? Meu Deus! Que uma entidade oficial tenha patrocinado tal habitação? Sim!... Como foi possível?...

Os factos podem verificar-se e estão lá como verdade indelmentável.

A pobre senhora, com reduzida capacidade intelectual e pouco desenvolvimento manifestava algum incómodo com o meu desejo de ver a sua casa. «*Olhe que é uma casa pobre.*»

Vi o quarto dela e o lugar onde dormia!... Fiquei apavorado e contrito, eu que gosto tanto de uma cama limpa!...

Noutro quarto estava o filho ainda na (cama?) Idêntico desalinado, roupas no chão a apodrecer, sem qualquer mobília além do catre. Igual ao da mãe, mas com um odor menos activo. O outro quarto era ocupado por um montão de roupa e lixo a apodrecer!

Pareceu-me ter regredido aos anos quarenta do século passado. Só que, nessa altura, não havia roupa para estragar.

No quintal nada cultivado. Apenas hortelã espontânea a um canto. O resto eram ervas a crescer!...

Cautelosa e delicadamente, como deve ser com gente tão caída, intirei-me da situação com pessoas da aldeia conhecedoras da família. Fiquei mais esclarecido sobre o desenvolvimento de uma tragédia que desabara sobre estes pobres.

Afinal o filho era drogado. Comia tudo à mãe e sugava-lhe a alma.

Passados três dias o rapaz bate-me à porta a implorar dinheiro para a droga.

Fi-lo entrar, sentar-se no meu escritório e conversar um pouco comigo.

Era Jesus chagado que eu recebia!

Este gozo espiritual e esta abertura à fé, dá-nos mais capacidade e poder!...

Ternamente fui escutando a sua vida e, às tantas, desfechei:

— E tu não te queres tratar? Não desejas abandonar a droga?!...

Como quem desperta de uma longa noite, abriu os olhos enevoados, fixou-me a tremer e disse:

— *Quero.* — Acrescentando logo: — *Mas tem de ser longe, porque aqui é impossível!*

Foi-me dizendo as razões e eu apercebi-me como é forte, organizada e secreta a máfia da droga! Ai de quem cai na rede!...

Logo ali telefonei!... Compreendi ter diante de mim um homem muito mais partido do que aquele que veio de África e me dá tanta despesa!

Aquele tem os ossos partidos, mal colados, os músculos e os nervos atrofiados; mas, este, tem a alma esfrangalhada!

Respondeu-me o fundador e responsável da instituição que me parece a mais sábia, mais eficiente e mais humana de todas as que tratam de gente caída na droga!

É uma obra da Igreja, feita por gente da Igreja!

Disse-me logo que sim:

— *Traga-o quando quiser!*

Amo tanto a minha Igreja por estas e tantas almas que não se cansam da fidelidade a Deus e nos aparecem no escondimento das aflições!...

Nem preço, nem dia, nem hora! Uma disponibilidade total para andar!

Como isto me enche de felicidade!... Foi um dia de aleluias, de graças a Deus, de louvores e grande alegria espectante!

— *Nada, traga-o!*

Oh, Igreja admirável onde o Espírito de Deus impera!... Como és diferente do mundo! Para Ti um homem vale mais que o mundo todo!...

Era noite quando o deixei. Esperados, fomos logo para a secção onde ele se devia instalar!

Indicado o responsável da dita, ele apresentou-se ao meu companheiro e a mim!...

— *Fui drogado durante 7 anos.* — Os braços, descobertos, exibiam cicatrizes das seringas. — *Tratei-me aqui em quatro anos e agora quero ajudar-te. A droga não nasceu comigo. Vivo bem sem ela, tu podes chegar ao mesmo!...*

Que grande acção psicológica, dizia para mim, espectante e consolado!

Vim com alguma esperança! Pode ser? Respondia às minhas dúvidas.

Com trinta e um anos de idade, mal sabendo ler alguma coisa, vindo do ambiente deserto!... Só Deus com aquelas claras e fortes ajudas!

Rezei, pedi, comprometi-me a visitá-lo e não o fiz mais cedo com medo de lhe despertar o desejo de ir embora.

Passados sete dias o Padre Responsável telefonou-me:

— *Olhe que fulano quer ir embora!*

Caí das nuvens! Foi como se um rio de gelo me tivesse alagado a alma!

— *Vou já para aí!...*

E fui imediatamente, pensando ser capaz de o demover com as minhas ideias e a minha amizade.

Nada! Estava possesso e determinado.

Os companheiros, com espantosa sabedoria, ajoelavam-se diante dele:

— *Olha que eu passei pelo mesmo. Também me quis ir embora. Nessa altura rilhei os dentes e aguentei-me. Não vás. O que tu queres é ir consumir. Nós sabemos. Resiste. Conta connosco!*

Bonito, bonito, muito bonito!

Onde encontrar psicólogos com tanta força de persuasão como estes Rapazes? Onde? Sinto de novo a definição de Pai Américo «*Técnico é aquele que ama!*»!...

Eu vim-me embora desolado! Ele também foi.

— *Pode acontecer, como a muitos, que ele queira voltar!* — Confortava-me o meu Irmão no Sacerdócio!

Pode ser! Mas eu senti-me derrotado. A miséria tem muita força num coração enfraquecido.

Sonhava com esta acção entusiasmar os cristãos mais fervorosos a dedicarem-se aos pobres... Criar uma Conferência Vicentina com o mesmo fogo de Ozanam! Com força invencível e capaz de toda a heroicidade! Não será com êxitos, mas com fracassos.

Nós somos uns fracassados! Vivemos num tempo de fracasso! Virá outro de êxitos. Interessa-nos semear! Olhamos em frente!... Cristo fracassou onde venceu a morte e... subiu ao Céu.

A direcção postal do Património dos Pobres:

*Lar do Gaiato
Trv.ª Padre Américo
3000-313 Coimbra.*

Padre Acílio

Benguela – Sábado,
12 de Abril,
19 Rapazes
receberam
o sacramento
da Confirmação
das mãos do Senhor Bispo.
Que o Pai do Céu
faça frutificar neles
os Dons do Espírito
que foram derramados
em seus corações.



BENGUELA

Palavra chave: A Esperança

DEUS é surpreendente. Não tenhamos dúvidas. Ontem, ao meio da tarde fez-me uma surpresa. Era um jovem de 20 anos, a frequentar a 12.^a classe. Descobriu, no seu coração, um desejo persistente de consagrar a sua vida ao cuidado das crianças sem família. Mais, a sua felicidade estava na realização desse sonho. Partilhei com ele a minha experiência, quando tinha 21 anos. Interessante: Encontramo-nos no mesmo ponto do caminho da vida de cada um de nós. Conversámos... conversámos. Foi-se para conversar com os pais que moram a cerca de 700 km. Levou consigo o livro com a síntese da Obra da Rua e o Porta Aberta. Quem dera não tivesse medo de entrar por ela! Fiquei, por longo tempo, a olhar com os olhos da Fé e da Esperança o caminho deste jovem.

Fiquei impressionado, no Domingo a seguir, com a multidão de crianças, parecidas com as crianças da rua, que rodearam a nossa carrinha com o grupo dos mais pequeninos. Não haverá corações onde o Amor maternal de Deus possa mostrar toda a beleza e grandeza do Seu carinho por estes filhos que escondem o segredo dum mundo novo? Onde estão os voluntários dispostos a perder tudo, em troca da alegria de seguir o Mestre? Que ideal tão grande, tão grande que só de joelhos conseguimos entendê-lo e caminhar com os pés bem firmes até alcançá-lo! Sim, é preciso perder a vida por amor para ganhá-la para sempre. É a linguagem da autêntica libertação. Só se entende com a experiência.

Aquela mulher pobre queria comprar uma casinha

para se abrigar. Outras vieram atrás dela. Os filhos também. Não pude valer-lhes, de momento. Guardei no meu coração os seus problemas que não-de ser resolvidos. A nossa vontade é grande, mas as forças materiais são pequeninas, nesta hora. A Esperança não morre. É a rocha firme sobre a qual assentamos a nossa vida e a daqueles para quem somos. Quem nos dera dê muito fruto esta sementeira! Em nossa reunião de chefes da comunidade, a palavra-chave para a abertura das suas vidas ao serviço dos seus irmãos foi, exactamente, a Esperança. Sem ela, o desânimo bate à porta e entra com facilidade. A comunidade será o que forem os seus chefes.

Estes filhos, a pouco e pouco, vão entrando na vida de cidadãos comuns pela porta do emprego. Os jovens, à busca de trabalho, são em número muito elevado, como é natural. Quanto nos alegra, por outro lado, o próprio empresário a buscar os seus trabalhadores na Casa do Gaiato! Assim aconteceu, há poucos dias. É, sem dúvida, uma forma muito nobre de nos prestar auxílio. É um estímulo mútuo. O rapaz sente-se desejado e apreciado. Os que ficam em casa olham para o seu futuro com mais confiança e mais vontade de aprenderem. É que muitos outros, mais pequeninos, estão à espera da sua vez para viverem connosco.

A falta do tractor, tão necessário para a nossa vida, continua a mexer connosco. Ando à procura da porta aonde bater. O eco da nossa aflição já chegou a alguns corações. Continuamos a esperar.

Padre Manuel António

Setúbal

Continuação da página 1

Também na sequência disto, o nosso quadro de rapazes mais novos vai-se reduzindo; tal como na sociedade em geral. «O Gaiato» precisa deles para chegar às mãos dos nossos Amigos, mão-a-mão. Como não os temos ou estão muito ocupados na escola e noutras actividades similares, o nosso jornal vê reduzir-se drasticamente os seus distribuidores. Por isso vão deixando de ir à venda, como eles dizem, a lugares onde já íamos há muitos anos. Resta a possibilidade de os nossos Amigos o receberem por assinatura, coisa de que muitos têm pena.

Tal como em outras famílias, assim na nossa. Não fazemos uma vida à parte. Distingue-nos sermos espelho do mau que esta sociedade produz, embora reflectindo sinais de esperança.

Padre Júlio

Continuação da página 1

que o observássemos de forma discreta e anónima. Foi ali mesmo que tomámos conhecimento da excessiva — quanto a nós — intervenção técnica: no contexto extra-escolar, em tratamento clínico, o acompanhamento feito por um pedopsiquiatra; na articulação escola/família, uma assistente social; no contexto intra-escolar, o acompanhamento de uma psicóloga e de um tutor para o incentivo à frequência das aulas.

Regressámos com esta pergunta: e agora qual iria ser a intervenção da Casa do Gaiato num contexto tão tecnicista?

Vistas de dentro

...**D**E dentro não significa aqui, hoje, que o acontecido tenha tido por cenário qualquer Casa do Gaiato, mas sim a Obra da Rua como Família alargada, porventura das mais alargadas que existem em Portugal — o que o nosso Povo percebe e sente em grande número, com muita simplicidade; não assim os que fazem as leis e as administram, por dificuldades congénitas de compreensão, ou por malícia, porque a Família não está na mira dos seus objectivos sociais. Feliz a Nação composta por famílias em que o compromisso entre os seus membros, a dedicação e o espírito de sacrifício são o húmus para uma relação estável, fecunda, causa de felicidade! E infeliz quando o Estado que a rege não direcciona os seus esforços para que seja assim, antes facilita o seu desmoronar com políticas de cegueira e de hipocrisia ao justificá-las com *chavões* de liberdade como serviço aos *Direitos do Homem*. Pobres homens, mormente os mais em condições de fragilidade — na infância, na juventude, na doença, na velhice — sempre o alvo final destes desequilíbrios, tantas vezes afronta da Lei Natural, referência fundamental a ter em conta na elaboração de todas as leis.

Não têm nada de extraordinário as «vistas» acontecidas estes dois fins-de-semana, mas significam muito.

Ontem foi o casamento do «Tózinho» e da Cristina. Ele ainda é tratado pelo diminutivo, apesar dos seus 33 anos e 1 metro e 80 de altura. Modesto e tímido que sempre foi, estávamos a ver que não chegava este dia... Mas, Deus fê-lo encontrar esta Cristina que, com **razões sérias**, penso acrescerá o número de filhas queridas com que tantos dos nossos Rapazes nos têm dotado.

Outra nota feliz foi o encontro com um grupo grande de Rapazes da geração do «Tó», alguns dos quais já não via há tempos. Um, por sinal terráneo do «Tó», que faz biscate ao fim-de-semana na casa onde foi a boda. Este foi surpresa para todos. Outro, veio de Espanha, onde está trabalhando; teve de negociar os seus horários porque «Não podia faltar aqui neste dia». E quando digo eles, tenho de acrescentar as mulheres e os filhos de vários.

Não foi, portanto, apenas o casamento de um, mas uma reunião de família que aquele proporcionou.

Na semana anterior, foi um regresso à campanha de assinaturas, para que já não sinto grande fôlego. Mas o Valdemar, que mora no Grande Porto e é interveniente activo na sua Paróquia, desafiou-me: — «Há mais de 20 anos que foram lá e, entretanto, já morreu muita gente e veio muita gente nova.»

E eu rendi-me e fui, com muita alegria; sobretudo pelo zelo que lhes ditou o desafio. O Valdemar é avô, já reformado, mas ainda com muito sangue na guelra.

Foram cinco Missas. Responderam oitenta assinantes novos. Pus o acento nas poucas presenças de jovens e os que lá estavam, parece-me que ouviram o recado, provocando, assim, uma convivência com O GAIATO mais duradoura.

Também falei de Pais e, sobretudo, de Avós que requerem o nosso Jornal logo que os meninos nascem, para que «quando chegarem à idade das letras, encontrem um jornalzinho que vai em seu nome e aprendam, também, a ler por ele.»

Coisas pequeninas, mas muito confortantes, que fazem a riqueza da grande Família que somos.

Graças a Deus!

Padre Carlos

Menos técnica e mais amor

Claro! Pensámos no campo de futebol, na atmosfera envolvente naturista e bem oxigenada da nossa Aldeia, na estrutura disciplinadora e personalista «deles, por eles e para eles»... mas ficámos tolhidos perante o desajuste entre a exigência técnica e a realidade educativa.

Quem vai no caminho mais acertado?

Aquele que mais ama! Pai

Américo responderia de forma pedagogicamente lapidar: «menos técnica e mais amor». Tal como no tempo de Pai Américo, hoje, esta máxima continua a ser um desafio para o mundo da educação e da pedagogia. Talvez se evitassem tantos desequilíbrios e falhas que se verificam quotidianamente no nosso mundo escolar, familiar e social.

Padre João